

# **O QUE É CORPO SAUDÁVEL? O QUE NÃO É CORPO SAUDÁVEL? E A CULTURA, FICA ONDE?**

**André Vieira**

**Escola Estadual Fernando Gasparian.**

Ao longo dos anos de escolarização, sofremos fortes influências por meio do currículo, ou seja, pisou na escola o currículo te captura ou liberta, mas para desespero dos defensores de um determinado tipo de currículo existem as várias identidades que resistem e torna-se a diferença, toda esta fita depende do mesmo. Em muitos casos encontramos currículos que não dialogam com a cultura das crianças, quando fazem o diálogo o realizam de forma assimilacionista fazendo apenas sobrevôos em determinadas culturas, transformando o currículo em uma ferramenta de padronização e não de diálogo. Visto que o currículo tem por obrigação ser uma ferramenta de diálogo entre as diversas culturas, propus para as crianças uma mudança na Educação Física, deixar de ser matéria turística, passar a ser, discussão, conflito, e fazer o picho pegar, a qual entenderá as diversas relações de poder como necessárias para a prática.

Deste modo as aulas passarão a ser aulas de conflito e debates, pois as crianças terão espaço de fala e de construção coletiva, estamos caminhando para a formação do sujeito coletivo, o sujeito do diálogo mais para que isso ocorra é necessária muita discussão e conflito, como citamos acima, estas crianças vieram de um processo de escolarização centrado apenas nas ideias do professor, igual ao que fomos submetidos, ta ligado? Onde o professor era o pica da história e tínhamos que concordar com tudo, pic vaquinha de presépio, tipo estas fitas ai que vemos até hoje. (lamentável, os tempos mudaram)

Mais para que eu pudesse entrar nesta luta, eu não poderia estar sozinho, chamei uns malandros para me ajudarem na prática, troquei uma ideia com o Foucault, o maluco me passou a caminhada da sociedade em rede ta ligada, tipo, o poder está espalhado, não se sabe quem é o poder, nesta fita ele me falou ai malandro, o saber é o poder? (2009) Deleuze (2004) a, este cara veio como uma ideia de juízo e verdade, ta ligado, como vão se estabelecendo certas verdades, também rola a questão do controle, mais ou menos a ideia do Foucault, quando ele descreve que o discurso se torna

verdade, é que os caras corriam juntos, então trocavam muita ideia. Stuart Hall (2011) mano, este cara foi foda, tiozinho jamaicano. Ele trocou uma ideia comigo sobre identidade. Na verdade, ele identifica esta sociedade como pós-moderna e/ou modernidade tardia, ai ele trocou a seguinte ideia, ai moleque se liga em, as identidades são fragmentadas, nos somos muitas pessoas em uma só, em cada espaço você é um e não único, foi uma ideia louca que ele me deu. Tomaz Tadeu da Silva (2013) esse maluco é monstrão em currículo, ele me deu o direcionamento do trampo, ele fala da identidade e da diferença, ta ligado, ele fala que quando nos legitimamos um jeito de ser, nos estamos automaticamente produzindo a diferença, porque nesta ideia, estamos padronizando as pessoas e aquelas que não se encaixam neste padrão devem ser modificadas ou excluídas, muitas vezes a escola faz isso, busca a norma. Neira e Nunes (2008) estes malandros ai são da USP ta ligado, a, os caras falam de mapeamento das praticas corporais, ai você fraga o que as crianças fazem fora do espaço escolar, os caras também falam, da cultura corporal das crianças, ali, está o grande lance, porque eles identificam os sujeitos, culturalmente constituídos sujeitos, tipo, a cultura é determinante na construção dos sujeitos, ou seja, a cultura diz quem você é, trocaram esta ideia comigo. Paulo Freire veio contribuir, este tiozinho foi monstro, pra falar a verdade, ele foi mais uma contribuição pessoal, que se tornou para prática, ele trocou uma ideia comigo sobre oprimido e opressor, ai depois desta ideia que ele me deu, eu comecei a tomar mais cuidado nas minhas aulas, eu não poderia moscar, e me tornar um opressor dos meus, muitas vezes isso ocorre, o diploma é foda.

Tem uma mina cabreira, que também chamei na ideia, a Candau (2003) ele me mostrou uma escola multicultural, onde as diferentes identidades estão na escola em contato todo o tempo, por este motivo que a escola é um espaço de conflito e luta. Todos estes são personagens de outra proposta de educação. Estamos na luta, mais não vacila, aqui não estou querendo dizer que estes são a “verdade da nova educação” eles são personagens que me dão embasamento para que eu fizesse da minha prática outra ideia, também passei a entender outras ideias e outras propostas de ver o mundo e consequentemente a escola. E uma das minhas propostas é escrever para rua, sair um pouco da academia, escrever de formar simples para que todos possam acessar a escrita, se queremos realmente a mudança vamos começar pela escrita e mudar a fala, falar difícil para que? Pra quem? Fico cabreiro quando os meus não acessam estes espaços e não entendem o que vem de lá.

É mais ou menos isso; *Alô, Foucault, Cê quer saber o que é loucura? É ver Hobsbawm na mão dos boy, Maquiavel nessa leitura (Criolo, 2014 Música Duas de Cinco)*

### **Descrição do projeto**

Este projeto foi realizado na Escola Estadual Fernando Gasparian, localizada na zona sul da cidade de São Paulo no bairro Jardim Umuarama próximo a região do Campo Limpo, existente no bairro a quase 8 anos a escola atende alunos de Fundamental II e médio. O mesmo foi realizado com as crianças do 6<sup>a</sup> ano B, uma turma de aproximadamente 25 crianças, turma esta de substituição devido este motivo o projeto teve início no mês de março. Até o presente momento as crianças estavam sem aula de Educação Física, pois o professor havia pedido remoção para outra escola.

Para que pudéssemos dar início as atividades troquei uma ideia com as crianças como forma de mapeamento, algumas relatam que haviam tido apenas 3 aulas com o antigo professor é que o mesmo iniciou uma discussão sobre atletismo, tendo em mente a ideia da valorização dos conteúdos escolhidos pelas crianças, questionei continuar com o tema atletismo, pelo incrível que pareça as crianças toparam e lá fomos. Já na primeira aula aproveitei a euforia e perguntei para eles o que eles conheciam de atletismo e realizei as seguintes perguntas; o que é atletismo? Quais são as práticas de atletismo que vocês conhecem? A primeira questão as crianças respondem que é correr, saltar, jogar as coisas e pular barreiras. Na segunda pergunta as crianças respondem que conhecem as corridas, saltos com vara, e corrida com barreira, questionei onde haviam visto estas coisas, alguns afirmam na TV e outros dizem que a professora de Educação Física da outra escola falou sobre isso. Preocupado com o pouco conhecimento sobre a prática falei para as crianças que precisávamos buscar novos conhecimentos sobre o atletismo. Solicitei que realizassem uma pesquisa sobre e escrevessem na parte do caderno reservada para aulas de Educação Física.

Na aula seguinte fomos para quadra, realizamos uma roda para que trocarmos uma ideia sobre o material coletado, apenas o aluno Gabriel havia realizado a atividade, mesmo sendo apenas uma pesquisa continuamos em roda para ouvir o colega. Professor eu achei o seguinte; (antes que ele falasse o que achou, realizei uma fala dizendo que a partir desta aula, todas as discussões que irão acontecer eles deveriam falar entre eles e esquecer um pouco o professor) feito isso ele me surpreende dizendo, firmeza então,

então pessoal no que eu encontrei, eles dizem que o atletismo é uma prática que existe há muito tempo em um determinado momento ela foi usada como forma de buscar boas virtudes e bons hábitos para termos um corpo saudável. Assim que o aluno terminou de apresentar, perguntei para as crianças o que seriam virtudes e corpo saudável. Algumas me responderam saber sobre corpo saudável, que é ser magro, não comer besteira e praticar esportes. E virtudes? Ninguém falou nada. Naquele dia eu estava com o dicionário na mochila então peguei e pegamos ali de imediato a definição dada por ele; disposição para o bem, prática do bem, boa qualidade moral, força moral dentre outras.

Perguntei para as crianças o que acharam da definição do dicionário, ninguém falou nada, como eles não sabiam acredito ter sido novidade e até mesmo não entenderam nada do que foi lido. Mas a minha preocupação era outra, vendo que as crianças estavam embebedadas com o discurso da saúde imaginei uma reviravolta no rumo das aulas. Mas o que mais me chamou atenção de certa forma com muita preocupação foi às comparações que fizeram um com o outro, no que se refere ao corpo. Professor, fala do aluno Diego; o Tomas não é saudável ele é gordo! Com a turma eufórica e rindo da situação e a grande maioria dizendo é mesmo, chamei a atenção dizendo que cada qual tem seu corpo, e que não podemos definir se ele é saudável ou não. Muito cabreiro com a situação decorrente em aula pensei em alternativas e modos de realizar a desconstrução das representações de corpo trazidas pelas crianças, resolvi trocar uma ideia com Neira e Nunes (2008) neste livro os malucos descrevem a ideia de cultura, realizei uma leitura deste capítulo, pois imaginei necessário para que eu pudesse mostrar para as crianças como a cultura influencia nosso corpo e o faz tornar-se um marcador a partir da ideia de representação.

Na aula seguinte falei para as crianças da minha preocupação após ouvir algumas falas na última aula e apresentei à seguinte ideia, o que vocês acham de discutimos o que é corpo saudável, o que não é corpo saudável, fiquei muito preocupado com a representação de corpo trazida por vocês na última aula, eles questionaram que não teria nada haver com o atletismo, respondi que as aulas não seriam aulas fixas que as mesmas iriam dialogar com os assuntos que fossem aparecendo em aula. Alertei as crianças que o nosso corpo é regulado a partir da cultura que estamos inseridos e que eles iriam ver mais adiante que as aulas têm sim ligação com o atletismo (rsrsrs)

Decidimos que o tema do projeto seria.

***O que é corpo saudável? O que não é corpo saudável? E a cultura, fica onde?***

Após algumas aulas de vivências das práticas do atletismo, propus em uma aula a ida para quadra com o rolo de papel craft e revistas, perguntei se lembravam do que falamos sobre corpo saudável, responderam que sim, pedi para recortar e colar no papel os corpos que encontrassem nas revistas e que achavam serem saudáveis. Vendo que as crianças colavam certas representações de corpo, magros, altos e brancos estes padrões que as revistas nos obrigam ter. Comecei a participar da atividade colando algumas imagens de corpo que eles não queriam colar e/ou não achavam ser “saudável”. Algumas crianças já foram dizendo, isso não é saudável, respondi. Deixa ai, hoje é só colar, na próxima aula nos vamos trocar uma ideia sobre as imagens coladas. Na mesma aula após colarmos as imagens pedi para que colocassem número em cada uma para próxima atividade.

Na aula seguinte levamos as imagens para a quadra, pedia para as crianças levarem seus cadernos, e expliquei que nesta atividade deveriam colocar apenas os números das imagens nas questões e responder. Quais corpos são saudáveis? Quais não são saudáveis? Por que são saudáveis? Por que não são saudáveis? Como a grande maioria das imagens era de modelos e de pessoas fazendo atividade física às crianças apontaram seus números dizendo que são saudáveis, pois modelos têm que estar em forma e fazer dieta, esta fala foi feita pelas meninas, e disseram também que quem faz atividade física é saudável. Alguns meninos e meninas discordam dizendo que as modelos são muito magras e feias, parecem que não comem direito, a grande maioria concorda com a ideia da atividade física como forma de saúde. Mas o que mais me chamou atenção foi fala da aluna Érica, ela fala para os colegas que a imagem da médica é saudável, gente a médica é saudável, ela tem que cuidar das pessoas, por este motivo ela tem que ser saudável. Perguntei para as crianças, e quais não são saudáveis? Responderam que as imagens coladas pelo professor, pois tem um homem bebendo cerveja, e alguns gordinhos e idosos. Eu questionei, por que não? Fala do aluno Luan, cerveja não faz bem para saúde e se as pessoas são gordinhas elas só comem besteira, continuei provocando, é mesmo? Quem falou isso para vocês, nos vemos na TV estas coisas. Na TV? Sim. E a minha mãe fala para meu pai, para de beber cerveja você esta “barrigudo”. Fala da aluna Tayna.

Questionei dizendo para eles, se cerveja é ruim e faz mal, por que a seleção brasileira é patrocinada pela Brahma? Ninguém falou nada, continuei provocando-os vamos pensar de onde vêm estas questões, é gente, tem coisas que de tanto as pessoas falarem se tornam verdades, isso é o poder do discurso. Ali eu estava inspirado pela ideia que troquei com o malandro Foucault (2009) é professor por isso que agente passa a acreditar em um monte de coisa, fica todo mundo falando. Fala do aluno Vinicius, é isso mesmo Vinicius, naquele momento as crianças estavam discutindo a ordem do discurso de Foucault sem saber quem foi este malandro. (momento mágico)

Preocupado mais feliz com o que havia ocorrido na última aula, utilizei os malandros Neira e Nunes (2008) para me ajudarem nesta parada que se refere à problematização, coletei todas as falas das crianças até o presente momento e após perceber que elas estão embebidas com certas questões sobre corpo, planejei para a aula seguinte apresentar para elas várias imagens de vários tipos de corpo, de diferentes culturas e países, quase 25 imagens, utilizamos a sala de vídeo. Apresentei para as crianças pessoas que fazem suspensão corporal, pessoas com o corpo todo tatuado, com implantes subcutâneos e alargadores, tribos africanas que utilizam objetos nos lábios como se fosse um alargador labial, escarificações de tribos africanas e pessoas que fazem isso no Brasil. Mostrei para as crianças fotos de lutadores de sumo, e modelos plus size e as mulheres girafas da Tailândia. Mostrei novamente as imagens, mas desta vez com discussão.

No momento da discussão a grande maioria diz que suspensão corporal é doentil, coisa de louco, o aluno Gabriel retruca dizendo que não, se o corpo desta pessoa aguenta ser levantado por ganchos é saudável, as crianças dizem que a tatuagem é feia no corpo todo e que aquilo não é saudável, as fotos com implantes subcutâneos e alargadores causaram mais discussão alguns relatam ser coisa do demônio, que a pessoa fica igual um monstro, isso não é de Deus gente, Fala da aluna Alane. Questiono a aluna, e na África será que não tem haver com a religião ou crença da tribo? A aluna me responde, mesmo assim não é de Deus, ainda em provocação questiono qual Deus o seu ou o deles? Ela fica brava e diz, a professor você pergunta muito, faz agente fica pensando nessas suas doidisse. Falei para turma, mais a ideia é essa. (rsrs) A foto das escarificações não causou tanta discussão, pois havíamos falado da cultura de cada país, nas fotos dos lutadores de sumo discutimos que a cultura destes lutadores é que quanto mais gordo (pesado) e forte, mais saudável ele é considerado e melhor para lutar.

Para contrapor provoquei com as fotos das modelos plus size. Meninas o que vocês me dizem destas modelos e das modelos que vocês colaram? Isso não é modelo, não. (fala da aluna Shophia). Como não? Olha, ela está em uma revista e na passarela. Ali percebi que a aluna estava legitimando um padrão de ser modelo e estabelecendo uma verdade, me lembrei da ideia que troquei com Deleuze (2004) O juízo e verdade. Um aluno questiona, é sim Shofia, eu vi na TV existe gordinha modelo. A pra mim não é. As mulheres girafas alguns dizem já ter visto na TV, eu questionei, o que acham desta? Coisa de louco também. (fala da aluna Alane) para minha surpresa o aluno Emerson questiona, professor também tem haver com a cultura? Perguntei para o aluno, o que você acha, isso é cultura? Acho que sim. Isso é cultura sim Emerson, podemos dizer que é uma tribo e nesta tribo, as mulheres acreditam que quanto maior seu pescoço mais bonito, e ela se tornam elegante para aquele grupo de pessoas. Sai fora, só tem coisa doida no mundo, (fala da aluna Alane). Então Alana, por este motivo que devemos entender ou conhecer outras culturas, assim não vamos achar que quem não se parece com a gente são pessoas doidas mais sim a diferença (fala do professor)

Após as falas das crianças percebi que ali estavam as relações ligadas à identidade e diferença, o que é padrão e o que não é, fui trocar uma ideia com Tomaz Tadeu da Silva (2013) para que pudesse ter ferramenta para entender a construção da diferença a partir da legitimação de um padrão de corpo e de uma identidade única, era o que estava acontecendo naquela turma, às crianças tinham consigo ideias relacionadas a padrão de corpo e conseqüentemente a construção da figura da pessoas exótica, estranha, diferente, após ter realizado esta leitura depois de algumas aulas na quadra, levei novamente as crianças para sala de vídeo, só que desta vez mostrei para as crianças os diferentes padrões de corpo dos praticantes de atletismo. Desde meados do século XIX até os tempos atuais, sempre questionando a ideia do que é e o que não é saudável, e relacionando com a cultura. Nesta aula as crianças puderam perceber que em cada modalidade do atletismo existe um tipo de corpo, chegamos onde eu queria que chegássemos, aproveitei alguns questionamentos sobre as questões relacionadas ao corpo e perguntei. O corpo de quem salta é o mesmo de quem faz o arremesso? Quem corre maratona tem o mesmo corpo de quem corre 100 metros, ou corridas de velocidade? Antes destas colocações a crianças já tinham visto algumas modalidades citadas acima e conforme apresentava as imagens fomos fazendo a ligação com as modalidades. Neste momento as crianças começaram a perceber que os corpos são

diferentes, aí veio o questionamento. Podemos dizer que cada modalidade seja ela do atletismo, ou não tem a sua cultura e isso faz com que o nosso corpo seja diferente?

O aluno Heliomar já foi falando, professor ninguém é igual, todo mundo é diferente e cada um tem a sua cultura. É mesmo? Sim professor, cada um tem sua cultura. Perguntei para as crianças. Então por que vocês apontaram lá nas primeiras aulas o que é corpo saudável e o que não é? Já que cada um tem sua cultura, podemos falar que o outro não é saudável? Ninguém falou nada, eu falei, olha o que aconteceu é que vocês estavam acostumados a ouvir falar que para ser saudável tem que ser de um determinado jeito, magro, alto, ser modelo, ter certo tipo de corpo. Mais este professor aqui, apresentou para vocês uma definição de corpo a partir da cultura, para vocês começarem a pensar o que nos leva a falar certas coisas sobre o corpo dos colegas e daqueles que não “se parecem com agente”.

Após esta discussão, na aula seguinte entreguei folhas de sulfite para as crianças e pedia para que registrassem tudo que aconteceu nas aulas até a presente data, fizemos uma espécie de linha do tempo, achando ter chegado ao objetivo e ter desconstruído a representação de corpo trazida por elas e apresentado possibilidades de diferentes corpos a partir da cultura, imaginei que na linha do tempo estaria escrita estas questões, mas as crianças colocaram outras questões, ideias relacionadas academia, alimentação, prática de esportes dentre outras coisas que não foram discutidas nas aulas.

Após ter lido as anotações das crianças e ter percebido que a grande maioria não entendeu nada sobre cultura como forma de regulação do corpo e que determina quem somos. Fui pedir ajuda para Hall (2011) trocando uma ideia com este malandro pude perceber as possibilidades de discutir com as crianças como somos muitas pessoas em uma só, e que com o passar do tempo nos mudamos e conseqüentemente, mudamos a nossa identidade com isso a cultura também muda, ou seja, somos sujeitos incompletos estamos sempre em constante formação, somos fragmentos sociais, ou seja, não se tem uma definição exata do que vem a ser identidade, isso é um fator cultural deste tempo identificado pelo autor como pós-moderno e/ou modernidade tardia. Valeu a ideia malandro.

Precisava de novas estratégias mais não sabia quais, na aula seguinte quando entrei na sala de aula, me deparei com as meninas se maquiando e os meninos com certas falas tais como, coisa de menina fresca, querem ficar bonitas mais são feias, dentre outras falas. Estava ali a solução para que eu pudesse mostrar para turma o quanto a cultura regula nosso corpo e a criação da identidade que Hall havia me falado.

Iniciei a aula com a seguinte fala, nossa que meninas chiques, maquiagem, e tudo mais, o aluno Luan disse, professor ontem elas trouxeram até chapinha para alisar o cabelo. Perguntei para as meninas, é mesmo? Elas me responderam sim professor, mais não deixou agente usar. Quem não deixou? O outro professor. Perguntei para as meninas. Por que vocês querem alisar seus cabelos? Para ficar bonita. Mais vocês não são? Sim, mais queremos ficar mais. Questionei estas maquiagens tem haver com corpo saudável, chapinha no cabelo, tem haver com a discussão de corpo saudável?

Vitoria, Shophia, Alane e Tayna disseram não ter nada haver com corpo saudável, isso é só maquiagem e chapinha. Eu questiono dizendo, então por que nos comerciais de cosméticos eles dizem, deixe seu corpo e sua aparência mais saudável, dei exemplo do comercial dos hidratantes monange e dos cremes e shapoo para cabelos mais saudáveis. Continuei com questionamentos a fim de provocar discussões, por que falam que determinado corte de cabelo deixa a pessoa mais jovem e com aparência mais saudável. Os jovens são mais saudáveis? Todas as crianças ficaram quietas sem saber o que me responder, encerro a fala dizendo, devemos nos atentar nestas coisas que falam por ai, revistas, jornais, novelas, filmes e até mesmo nos desenhos. O que vocês vêem na TV que fala de saúde? Shophia, a professor muitas coisas, Bem Estar, Fantástico, Malhação fala às vezes e Carrossel. Com estas falas, logo de imediato pedi para que todos prestassem atenção nos programas e nas revistas percebendo o que é fado e qual tipo de corpo é apresentado nestes programas e revistas.

Na próxima aula, com a colagem realizada pelas crianças nas aulas anteriores pedia para que eles falassem o que viram na TV e nas revistas, se viram alguma coisa sobre saúde e corpo. Hoje no bem estar falou de regime, mostraram alguns exercícios e nas novelas mostram pessoas correndo e andando de bicicleta, alguns dizem ver revistas que falam sobre dieta. Questionei, todos vocês fazem o que mostram nas novelas, nos programas e revistas? Correm, andam de bicicleta, fazem dieta? A aluna Elizangela respondeu dieta não né professor, agente é criança. Relatei que existem revistas que falam de dietas para crianças. Comecei a perguntar olha as imagens que vocês acharam nas revistas e que vocês colaram, são iguais a que vocês viram na TV? O aluno Agnaldo diz que sim. Pergunto para as crianças todos acham que sim? É sim professor só tem corpo assim, fala do aluno Gabriel. Pergunto para o aluno e para todos, e a cultura fica onde?

Mostrei para as crianças que isso é uma forma de padronizar o nosso corpo, e que quando alguém não é igual ao que dizem ser “padrão” esta pessoa se torna a diferença, e que quanto mais agente buscar uma norma, mais estamos produzindo a diferença, devemos observar que cada qual tem a sua cultura e que cada um tem seu corpo, e devemos saber conviver com as diferenças. Questionei se na escola todos eram iguais? Responderam-me que não. Pedi que aproveitassem à hora do intervalo para vêem os vários grupos que tem na escola, têm os roqueiros, pessoas que gostam de rap, funk, sertanejo, pop, as crianças mais velhas. Então, cada grupo têm a sua cultura, reparem como cada um se veste, se as pessoas destes grupos se vestem mais ou menos iguais, observem isso hoje. Por este motivo que a escola é um espaço de conflito, e cada grupo luta para mostrar e provar que a sua cultura é a melhor. Neste momento eu estava discutindo com as crianças as ideias de Vera Candau (2003) questões relacionadas ao multiculturalismo.

Em uma das aulas após este bate papo, pedi para que os alunos trouxessem fotos de quando eram bebê, levamos as fotos para quadra, colocamos na roda e cada qual deveria identificar quem era o colega, nesta atividade os alunos puderam perceber que o nosso corpo muda, e que cada um tem seu jeito de se vestir, até mesmo quando bebê. Perguntei para as crianças, quem aqui tem irmã ou irmão bebê? As roupas que eles usam são iguais a que vocês estão nas fotos? Os que disseram ter irmãos bebê, dizem quem não, questionei. Então, isso é cultura da moda, ela muda o tempo todo é uma das formas que o nosso corpo é controlado.

Expliquei melhor, tem roupas que falamos, essa é de paty, ou de boy, isso funkeiro gosta, essa é para skatistas e assim por diante. E quando vemos as pessoas nas ruas falas, aquela é isso, aquele é aquilo. Então as roupas dizem que somos através signos que são colados nos grupos que se vestem de um determinado jeito. Isso é cultura e um marcador a partir do estereótipo. Nossa tudo então é cultura, (fala da aluna Alane) Sim, a cultura está em tudo, por este motivo que somos quem somos, somos sujeitos culturais. A então por isso que tiram sarro de mim, por eu ser da Bahia (fala da aluna Alane) Pode ser, por que seu corpo trás as culturas e o jeito de lá, e as pessoas não estão acostumadas a lidar com as diferenças, nestas aulas nos estamos discutindo as culturas para vocês perceberem as diferenças e tentem conviver e dialogar com elas.

Esta atividade antecedeu a apresentação do documentário babies onde é relatada a vida de quatro bebês de diferentes países e os cuidados de suas mães e um pouco de suas culturas. Mais antes que começar o filme realizei o seguinte questionamento, neste vídeo serão apresentados quatro bebês diferentes, imaginem como seríamos se fôssemos de cada país que aparecer.

Após a apresentação do filme, realizei as seguintes perguntas. Todos os bebês do filme eram iguais? Suas culturas eram iguais? Se tivéssemos nascido em um destes países seríamos como somos hoje? As crianças começaram a responder que cada bebê era diferente, e se cada um fosse de um daqueles países não seríamos assim como hoje, aí que coloquei a seguinte questão. Lembra do que a Alane falou na aula passada? Que as pessoas tiram sarro dela por ela ser da Bahia. Do mesmo jeito que os bebês são diferentes vocês também são, e cada um tem sua cultura, seja do Nordeste, Norte, Sul e Sudeste. Cada lugar tem sua cultura, percebi que naquele momento as crianças começaram entender que a cultura é determinante na construção do nosso corpo e de quem somos.

Perguntei para elas. Podemos dizer que o nosso corpo é constituído através da cultura, e que não podemos estabelecer o que é, e o que não é corpo saudável, ou seja, nos somos sujeitos constituídos sujeitos através das varias formas de cultura. Seja ela do esporte, danças, lutas, ginásticas dentre outras. As crianças responderam que sim, acredito que naquele momento começaram a perceber que somos diferentes e que cada um tem sua cultura e que as questões relacionadas a corpo saudável são questões que servem para padronizar as pessoas. Encerro a fala utilizando o malandro Deleuze (2004), não existe verdade, existem verdades, varias ideias e varias pessoas e cada qual tem a sua verdade. Por este motivo são as verdades construídas através dos discursos. Foucault (2009)